

PRESSUPOSTOS DA EDUCAÇÃO POPULAR: RELATO DE CASO

**¹Mônica de Ávila Todaro, ¹ Eduardo Marcelo Lamotta Brandão, ¹Jéssica
Cristina Deitoz Augusto**

¹ Universidade Nove de Julho

Av. R. Itauna, 429 - Vila Maria Baixa, São Paulo - SP

avila-todaro@uol.com.br

Resumo

Este texto é fruto de pesquisa de Iniciação Científica e tem como objetivo analisar se a proposta pedagógica do CIEJA (Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos) localizado na cidade de São Paulo, no bairro do Campo Limpo, quando colocada em prática, é compatível com os pressupostos das Escolas Democráticas e da Educação Popular. Como quadro teórico, apresentamos as características da Escola Tradicional, das Escolas Democráticas e da Educação Popular na perspectiva de Dewey, Freire, Gadotti e Singer. A pesquisa teve um caráter exploratório e debruçou-se sobre os dados coletados por meio de observação e entrevistas. O campo empírico de investigação foi o Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos do bairro do Campo Limpo, localizado na zona sul do município de São Paulo. Esse bairro é conhecido pelo alto índice de violência e baixo índice de desenvolvimento humano (IDH). Os resultados sugerem mais investimentos em pesquisas sobre as práticas educativas na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Palavras-chaves: Educação popular; escolas democráticas; ensino tradicional..

Abstract

This text is the result of a scientific initiation research and aims to verify whether the pedagogical plan of the CIEJA (Integrated Center for Youth and Adult Education), located in Campo Limpo neighborhood, in the city of São Paulo, is compatible with the principles of Democratic Schools and Popular Education when put into effect. As theoretical framework, we present the characteristics of Traditional Schools, Democratic Schools and Popular Education from the perspectives of Dewey, Freire, Gadotti and Singer. The research had an exploratory character and analyzed data collected through observation and interviews. The empirical research field was the Integrated Center for Youth and Adult education located in Campo Limpo neighborhood, in the South of the city of São Paulo. This neighborhood is known for its high rates of violence and a low Human Development Index (HDI). Results suggest the need for more investment in researches on educational practices related to Youth and Adult Education.

Keywords: Popular education; democratic schools; traditional education

1. INTRODUÇÃO

No senso comum, ouvimos e reproduzimos que a escola é um lugar importante, onde seremos formados para a vida, formados para o futuro. Será isso verdade? A escola cumpre com a sua função? E qual é a função da escola? Não soa estranho que um lugar de tanta importância, seja um lugar tão odiado por tantos estudantes? O que pensar da escola que acolhe estudantes que, numa visão reducionista e preconceituosa, precisam recuperar o tempo perdido?

A escola como conhecemos completou duzentos anos recentemente. Seu formato foi minuciosamente pensado e ao longo dos anos, aperfeiçoado, para suprir as necessidades de um determinado setor da sociedade. Durante esse tempo, a escola foi construída a imagem e semelhança de fábricas e prisões, onde os alunos são vigiados o tempo todo e sob uma opressora obrigação, cumprem suas tarefas sem poder sequer questionar, correndo o risco de serem punidos.

Afinal, a quem interessa esse modelo escolar? Quais os prejuízos que o modelo traz aos alunos e a sociedade? Pode ser diferente? Como fazer? Existem alternativas? Quais? Seriam melhores que o sistema tradicional? O que fazer para que os estudantes tenham na escola um lugar prazeroso, onde suas necessidades sejam supridas? Apenas as crianças possuem esse direito ou as pessoas que não puderam frequentar a escola no período esperado também podem usufruir de um local onde se promova uma educação integral que inclua os sentidos e sentimentos? Seria o CIEJA – Campo Limpo, local de nossa pesquisa de campo, uma possibilidade de resposta a essas indagações?

Este trabalho foi realizado com base em pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo e principal-

mente, inspirado por nossas inquietações. O campo empírico de investigação é o Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos do bairro do Campo Limpo, localizado na zona sul do município de São Paulo. Esse bairro é conhecido pelo alto índice de violência e baixo índice de desenvolvimento humano (IDH). Pode-se dizer que é uma porção estigmatizada da cidade, observada com receio e evitada pelos demais moradores da metrópole.

Primeiramente, buscou-se olhar para o interior da instituição, numa tentativa de explicar, a partir das dinâmicas das relações de sociabilidade internas e da especificidade do programa do CIEJA, a notoriedade que o programa ganhou junto aos alunos e à vizinhança como projeto inovador na educação de jovens e adultos. Em seguida, analisou-se o CIEJA à luz dos pressupostos de escolas democráticas e da concepção de educação popular. O artigo se divide em três tópicos: A escola tradicional; Escolas Democráticas; Educação Popular e o estudo de caso sobre o CIEJA Campo Limpo.

2. A ESCOLA TRADICIONAL

Um dos papéis da escola seria a preparação para o futuro. Mas, de que futuro estamos falando? De acordo com o modelo tradicional de ensino, somente no futuro seremos alguém? Não parece possível a construção de uma sociedade realmente democrática com escolas que têm como base métodos centrados no professor e no currículo predefinido. A chamada escola tradicional possui práticas educativas cujos fundamentos filosóficos são antiparticipativos e excessivamente centralizadores — portanto, antidemocráticos na essência.

Um dos grandes problemas da Escola Tradicional é que o conteúdo ministrado não faz sentido para os alunos, o conteúdo é despejado sem nenhuma vinculação com sua realidade, ou uma aplicabi-

lidade possível do que se leciona. A essa prática, Paulo Freire chamou de Educação Bancária, onde os alunos ficam de forma passiva, ouvindo o professor, copiando o que é escrito na lousa e tentando decorar o conteúdo, mas sem nenhum aprendizado. O conhecimento dever ter significado e segundo John Dewey um programa de ensino totalmente desvinculado do meio será uma forma de violência contra a natureza dessa criança.

Embora Dewey se refira às crianças e a escola tradicional vise como alunos, apenas as crianças e os adolescentes, podemos e devemos levar em consideração os discentes das outras faixas etárias. Há pessoas, por exemplo, que pelos mais diversos motivos não puderam estar na escola no período da infância e que, mais velhos, resolveram dar continuidade ou mesmo iniciar seus estudos. Vítimas de suas condições sociais, vítimas do descaso do poder público, vítimas de um sistema que castiga e exclui aqueles que não possuem o conhecimento erudito, os agora estudantes da EJA tiveram seus saberes construídos ao longo da vida, mas esses são relegados e classificados como inúteis. Pessoas que são vítimas de uma sociedade na qual apenas o conhecimento advindo dos bancos escolares tradicionais é válido e onde diploma é poder. De acordo com Esteban (2007), ao mesmo tempo em que a escola inclui, já que hoje boa parte da população está dentro da escola, a escola exclui, pois joga toda a culpa no sujeito que fracassa e não no sistema que o faz fracassar.

Porém, mesmo aqueles que completam seus estudos são prejudicados, ricos ou pobres, estes últimos sempre em maior grau, por uma escola que ao longo da história mostrou-se a serviço do mundo capitalista, preocupando-se em formar mão de obra qualificada para o mercado de trabalho e em moldar pessoas, cidadãos incapazes de entender que fazem parte de uma maioria desprivilegiada. A não escolarização não acontece por vontade de Deus, incompetência ou porque alguns são vagabundos, isso acontece porque vivemos em uma sociedade que faz da

miséria de muitos, a fonte de riqueza de poucos.

Esses brasileiros são vítimas de uma sociedade que já teve a segunda pior distribuição de renda entre todos os países do mundo. Fato que fez com que analistas chegassem a usar o termo “brasilização do planeta” para se referirem a um futuro sombrio. O autor uruguaio Eduardo Galeano explica assim o termo

E ao dizer brasilização eles não se referem, por certo, à difusão internacional do futebol alegre, do carnaval espetacular e da música que desperta os mortos, maravilhas através das quais o Brasil resplandece a grande altura, mas à imposição, em escala universal, de um modelo de sociedade fundamentado na injustiça social e na discriminação racial. Nesse modelo, o crescimento da economia multiplica a pobreza e a marginalidade. (GALEANO, 2011, p.30).

A escola tradicional, portanto, tornou-se um dos mais bem sucedidos aparelhos ideológicos do Estado. Segundo Althusser, isso acontece porque a escola atinge praticamente toda a população em um período prolongado de tempo e, além disso, inclina as pessoas das classes subordinadas à submissão e à obediência, enquanto as pessoas das classes dominantes aprendem a comandar e a controlar. (Althusser apud SILVA, 2010, p.31).

Ainda segundo Althusser, a ideologia da classe dominante é tão forte que muitos professores das classes dominadas, as transmitem, sem terem sequer consciência do que estão fazendo.

Peço desculpas aos professores que, em condições terríveis, tentam voltar contra a ideologia, contra o sistema e contra as práticas em que este os encerra, as armas que podem encontrar

na história e no saber que “ensinam”. Em certa medida são heróis. Mas são raros, e quantos (a maioria) não tem sequer um vislumbre de dúvida quanto ao “trabalho” que o sistema (que os ultrapassa e esmaga) os obriga a fazer, pior, dedicam-se inteiramente e em toda a consciência à realização desse trabalho (os famosos métodos novos). Têm tão poucas dúvidas, que contribuem até pelo seu devotamento a manter e a alimentar a representação ideológica da Escola que a torna hoje tão “natural”, indispensável-útil e até benfazeja aos nossos contemporâneos (...) (ALTHUSSER apud SAVIANI, 2006).

Podemos dizer que Paulo Freire complementa as ideias de Althusser quando diz que além de um ato de conhecimento, a educação é um ato político. E por isso, não há pedagogia neutra. (Freire & Shor, 2013, p. 33). A Escola Tradicional não adquiriu essas características por acaso, ela foi pensada e patrocinada pelos mesmos que dominam o mundo, grandes empresários que viram na escola, um local de preparação para o trabalho, com horários rígidos, intervalos para refeições, controle e obediência total.

Franklin Bobbitt buscou na teoria do administrador Franklin Taylor, os princípios de uma educação baseada no funcionamento científico da administração. Assim como na indústria, a escola deveria funcionar com o estabelecimento de padrões. Os alunos seriam encarados como matéria prima a ser moldada.

Construídas (as escolas) segundo os modelos das linhas de montagem (...) conhecimentos e habilidades são definidos exteriormente por agências governamentais (...) É a sua igualdade que atesta a qualidade do processo (...) as linhas de montagem denominadas escolas organizam-se segundo coordenadas espaciais e temporais(...) Depois de passar por esse processo de acréscimos sucessivos(...) o objeto original que entrou na linha de montagem cha-

mada escola (naquele momento chamava-se “criança”, perdeu totalmente a visibilidade e se revela, então, como um simples suporte para os saberes/habilidades que a ele foram acrescentadas(...) a crianças está finalmente formada (...) de acordo com a fôrma. (ALVES, 2001, p.38 e 39).

A Escola Pública (ou seria melhor classificá-la como Escola Estatal?), já não supre as necessidades e tão pouco as expectativas dos alunos. O modelo de aula, onde o professor, fala para 30 ou 40 alunos durante 50 minutos, tornou-se entediante e sem atrativos, para uma geração que tem acesso a milhares de informações pela internet.

No senso comum, ouvimos dizer que a escola parou no tempo, mas na verdade ela continua a suprir os interesses da elite dominante, por isso não muda sua estrutura. Sabemos que não é a educação que modela a sociedade, mas ao contrário (...) segundo os interesses de quem detém o poder (...) Seria ingênuo demais pedir à classe dirigente no poder que pusesse em prática um tipo de educação que pode atuar contra ela, isso traria infindáveis problemas aos que estão no poder. Mas as autoridades dominantes não permitem que isso aconteça e fiscalizam a educação. (FREIRE, 2011, p.66).

Ao longo da história, a escola tornou-se a mais bem sucedida das instituições disciplinadoras, utilizando métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são os que podemos chamar de disciplinas (Foucault, 2013).

3. ESCOLAS DEMOCRÁTICAS

As características principais da democracia são: a garantia de condições básicas a todos (alimen-

tação, moradia, trabalho, etc.), a ausência de qualquer tipo de exploração e as relações onde haja liberdade, mas também limites.

As Escolas Democráticas surgem como alternativas que buscam romper com o modelo tradicional. São lugares que têm como foco ampliar, por meio da educação, as condições favoráveis ao modo de vida democrático. Nesses tipos de escolas as ideias fluem livremente; as pessoas são bem informadas; acredita-se na capacidade individual e coletiva das pessoas aprenderem a qualquer tempo da vida e criarem condições de resolver problemas; a reflexão crítica está presente no processo ensino aprendizagem; são levados em consideração o bem-estar dos outros, o bem comum, a dignidade e os direitos dos indivíduos em toda sua diversidade.

Segundo Singer (2010) o primeiro caso que se tem notícias é a Yasnaia-Poliana, criada e dirigida por Leon Tolstói ao final da década de 1850. Outras escolas democráticas marcaram época. A escola criada por Célestin Freinet na França; Summerhill na Inglaterra; e a Escola da Ponte em Portugal são alguns dos exemplos bem sucedidos que ganharam visibilidade internacional e inspiraram educadores descontentes com o sistema vigente (o modelo tradicional).

No livro “O educador da democracia”, escrito em 1916, John Dewey (1859-1952) sugere e sustenta a questão da Educação Democrática, tida como um tipo de Educação na qual cada aluno se enriquece com a experiência do outro aluno, numa vida partilhada onde todos têm a mesma igualdade de oportunidades. E diz que a educação verdadeira é aquela que estimula a capacidade da criança, de acordo com as exigências sociais nas quais esta criança se encontra. Ainda, o autor defende a ideia de que, por esse motivo, não podemos pensar em uma educação como preparação para o futuro, pois o futuro é um processo em constante transformação.

No Brasil, mais precisamente no interior de Minas Gerais, por obra do Professor Eurípedes Barsanulfo, uma escola nesse modelo foi implantada no início do século XX. Hoje, os modelos se multiplicam: A Escola Municipal Amorim Lima; a Escola Estadual Presidente Campos Salles e as particulares “Politeia” e “Lumiar”, todas na cidade de São Paulo, são alguns dos exemplos mais recentes de escolas que procuram oferecer uma educação alternativa.

A Profa. Helena Singer, que segundo a própria, foi a responsável por conceber a Lumiar, primeira Escola Democrática no Brasil, na era contemporânea, diz em seu livro que as características de uma escola nesse modelo são: “a gestão participativa, com processos decisórios que incluem estudantes, educadores e funcionários: e organização pedagógica como centro de estudos em que os estudantes definem suas trajetórias de aprendizado, sem currículos compulsórios”. (SINGER, 2010, p. 78).

4. EDUCAÇÃO POPULAR

Termo ligado ao educador Paulo Freire, a Educação Popular tem princípios semelhantes ao da Educação Democrática, principalmente no que tange ao respeito ao aluno, desde o tratamento, até a valorização da cultura popular. Nos locais em que a Educação Popular está presente, não são utilizadas cartilhas pré-determinadas por qualquer órgão governamental. A prática educativa parte da bagagem trazida pelos alunos, de suas experiências e de seu cotidiano. Tem como objetivo a formação de cidadãos críticos e participativos, que tenham condições de ler o meio social em que estão inseridos, bem como, promover ações para transformá-lo.

Paulo Freire desempenhou um papel essencial para a Educação Popular, no Brasil e em toda a América Latina. Estabeleceu todo um processo integrado de educação iniciado por um método de alfabetização com trabalhadores populares que se reuniam para discutir assuntos de seus cotidianos, sempre vinculados às suas experiências de vida. A partir dessas conversas, chamadas de círculos de cultura, o educador abordava temas trazidos pelo grupo. Partindo desses debates, surgiam então os temas geradores e estes passavam a ser desenvolvidos por meio de um método dialógico.

A proposta de Freire partia da realidade dos educandos e rompia com a ideia de abordar assuntos específicos. Isto é, não seria aceita uma educação com temas previamente estruturados, exercícios mecânicos, pois, essa forma de ensino era vista pelo mesmo como “educação bancária”, onde o educador depositava em seus alunos o seu saber. Sendo assim, Freire trabalhava na perspectiva de trocas de saberes, na qual educador e educando aprendem juntos, rompendo com qualquer relação de autoritarismo, para que assim pudesse ser desenvolvido um trabalho de criticidade e de conscientização.

O método (ou sistema) criado por Paulo Freire teve como objetivo não apenas a alfabetização, mas visava também a libertação, despertando as pessoas para a cidadania, fazendo com que cada aluno se tornasse crítico e pudesse exercer seu papel social e político dentro da sociedade.

Ao assumir a Secretaria Municipal da Educação do Estado de São Paulo (1989-1991), Freire propôs escolas mais autônomas, com mudanças estruturais, como: formação permanente do professor, para formar educadores com postura pedagógica diferenciada; um programa de alfabetização de jovens e adultos e trabalhar a educação de forma interdisciplinar. Criou o projeto MOVA – São Paulo (Movimento de Alfabetização da Cidade de São Paulo), levando os princípios da Educação Popular para espaços de educação não formal.

Em suas últimas obras, Paulo Freire demonstrava uma enorme preocupação com a educação que homens e mulheres necessitariam mais adiante, já que questões como: globalização,

capitalismo, surgimento dos nacionalismos, racismo, violência e individualismo cresciam a cada dia não só em âmbito nacional, mas mundial.

Tendo em vista preocupações como estas, Freire contribuiu com a ideia de uma sociedade multicultural, onde é preciso que se estabeleça uma ética e se valorize uma cultura diversificada. Assim, deixou aos educadores e aos futuros educadores sua mensagem e mostrou a responsabilidade de educar uma pessoa para saber ouvir, se atentar à diversidade e saber respeitar toda e qualquer diferença.

Por despertar tantos assuntos polêmicos quanto às mudanças necessárias para a educação, Paulo Freire ainda hoje é considerado um revolucionário da educação de adultos, principalmente em países de terceiro mundo e na América Latina, sendo estudado também por filósofos, religiosos, historiadores, e profissionais de diversas áreas do conhecimento.

De acordo com Moacir Gadotti (1989)

Depois de Paulo Freire ninguém mais pode ignorar que a educação é sempre um ato político. Aqueles que tentam argumentar o contrário, afirmando que o educador não pode fazer política, estão defendendo uma certa política, a política da despolitização. Não estamos politizando a educação. Ela sempre foi política. Ela sempre esteve a serviço da classe dominante.

Em 1993, Paulo Freire concedeu uma entrevista à Nilcéia Lemos Pelandré, posicionando-se em relação à prática educativa.

Eu preferia dizer que não tenho método. O que eu tinha quando muito jovem, há 30 anos ou 40 anos, não importa o tempo, era curiosidade de um lado e o compromisso político do outro, em face dos renegados, dos negados, dos proibidos de ler as palavras, relendo o mundo. O que eu tentei fazer e continuo hoje, foi ter uma compreensão que eu chamaria de crítica ou de dialética da prática educativa, dentro da qual, necessariamente, há uma certa metodologia, um certo método, que eu prefiro dizer que é método de conhecer e não método de ensinar.

Freire afirmava que ninguém é marcado para ser, e também não se nasce educador, mas nos fazemos e nos formamos educadores, durante a prática e a reflexão sobre a prática. Para ele, o educador tem o dever de desafiar os alunos a perceberem que aprender determinados conteúdos é apreendê-los enquanto objeto de conhecimento.

Sob a influência de Freire, surgiram no Brasil, diversas experiências baseadas em sua obra. O CPCD (Centro Popular de Cultura e desenvolvimento) em Minas Gerais é um dos exemplos mais recentes de pessoas que procuram uma educação alternativa.

A questão norteadora de nossa pesquisa foi: O CIEJA Campo Limpo - SP é um local no qual se pode notar os princípios da educação Popular e/ou das escolas democráticas? Para responder a essa pergunta, passamos nove dias no local fazendo a nossa pesquisa de campo, observando e entrevistando educadores, gestores e educandos. No tópico a seguir, descreveremos resumidamente nosso estudo.

5. CIEJA Campo Limpo (CIEJA-CL): estudo de caso

O Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA) foi criado em 2003 pela Secretaria de Educação do Município de São Paulo. Originaram-se dos antigos CEMES (Centro Municipal de Educação Supletiva) que sofreram avaliações, mudanças de formato e mudanças curriculares.

Os CIEJAs são unidades educacionais que promovem, como direito público e subjetivo, a educação de jovens e adultos, numa ação educacional que considera as características dessa população; contempla novas formas de ensinar e aprender e implanta um modelo que articula a Educação Básica, Ensino Fundamental e a Educação Profissional de nível básico (CNE, 2000).

O CIEJA Campo Limpo é uma casa transformada em local de aprendizagem e produção de cultura. É completamente distinta das chamadas escolas tradicionais. Seus portões estão o tempo todo abertos. Possui uma biblioteca com mais de dez mil títulos que está aberta a qualquer um que queira ler, sem precisar fazer qualquer cadastro. Impressiona pela limpeza e conservação do local. No CIEJA-CL, o espaço é realmente público, não estatal.

Passamos nove dias dentro do CIEJA-CL. Durante os quatro primeiros, na semana de carnaval, não houve aulas para os alunos, mas os professores

participaram de um curso de capacitação. Ao acompanharmos e observarmos tal ação, lembramos que investir na formação continuada dos professores é, sem dúvida, compreender que “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (FREIRE, 1997).

Quando as aulas foram retomadas no CIEJA-CL encontramos o jovem W, de quinze anos. Morador do Capão Redondo disse que esta é uma das regiões mais carentes e que mostra como a sociedade é injusta, pois, muito próximo dali vivem pessoas de uma das regiões mais abastadas da cidade de São Paulo. W. foi reprovado por três vezes no nono ano do ensino fundamental, sentia-se humilhado quando olhava os colegas de sala, todos mais novos. W. era apontado por todos na escola, considerado por si mesmo e pelos demais como incapaz de aprender, abandonou a chamada escola tradicional.

Antes o mais velho da turma, agora W. se vê em posição completamente distinta, é o mais novo de sua classe no CIEJA. Mas isso não tem a menor importância, pois segundo W., o respeito impera no local, professores, alunos e funcionários se misturam de tal maneira que, para quem chega lá pela primeira vez, torna-se impossível saber quem é quem. Ao contrário do que muitos pensam, W. está recuperando mais do que o tempo perdido, está recuperando a autoestima destruída pela escola tradicional.

Para Paulo Freire, a educação é uma experiência especificamente humana, uma forma de intervenção no mundo (FREIRE, 1997) e por conta disso, interferir e melhorar a realidade local é algo obrigatório nos grupos de estudo. No livro “A volta ao mundo em 13 escolas”, a aluna M., de 40 anos, conta que a turma encaminhou à prefeitura o pedido de um semáforo para uma rua difícil de atravessar. Não era apenas um pedido, tratava-se de um estudo realizado em sala de aula. O pedido foi aceito e o semáforo foi instalado. (GRAVATÁ, 2013).

Transformar a realidade por meio da educação é algo que Paulo Freire sempre buscou, proporcionando autonomia para seus alunos, para ele, “aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não uma manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”. (FREIRE, 2011, p. 14).

Um dos aspectos que nos chamou atenção na proposta pedagógica foi que os horários são flexíveis. As aulas duram três horas, e se um aluno, por ventura, perde a aula da manhã, ele pode

assistir aula no período da tarde. Com uma medida simples, o CIEJA-CL, respeita os alunos e diminui consideravelmente o número de faltas. Bom senso foi um dos assuntos discutidos por Paulo Freire no livro *Pedagogia da Autonomia*, e o CIEJA-CL mostra que possui esse entendimento.

O Parecer CNE n.º 11/2000 defende que muito mais do que um profissional aligeirado e de boa vontade, o professor deve ter bagagem acadêmica e experiência para que possa nutrir as necessidades dos alunos, tanto gerais, como específicas. Além de possuir capacidade de interação e diálogo com este público diferenciado, quando comparado ao perfil dos demais alunos da rede pública municipal regular.

Os professores que atuam no CIEJA-CL nos disseram que escolheram o local por acreditarem na proposta pedagógica. São todos professores concursados da rede municipal e que por decisão própria, precisaram passar por uma entrevista e prova, mas foram trabalhar ali porque se identificaram com a proposta.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se aprende hoje na escola já estará desatualizado quando o aluno sair de lá. Os alunos que são estimulados desde cedo a questionarem, estarão sempre em busca de novas perguntas, pois aprenderam que a pergunta é tão importante quanto a resposta. As respostas, nós podemos buscá-las num livro ou no computador. Mas a pergunta, essa é uma ferramenta em constante crescimento, com características únicas que variam segundo cada pessoa, que implicam em criar e estabelecer relações entre critérios que envolvem a resolução de problemas e possibilitam a construção de novos conhecimentos.

A escola nos torna mais ignorantes quando nos dá respostas prontas, matando assim, as perguntas, a curiosidade e a capacidade de aprender. Aprender tem como característica, processos diversos e individuais. Por isso, não faz o menor sentido seguir um programa em São Paulo ou no Amapá com o mesmo currículo. Aprender deve ser um processo contínuo no qual os saberes são valorizados e respeitados. A aprendizagem significativa só pode estar fundada no interesse, na vontade e na curiosidade. O verdadeiro princípio do interesse é o que reconhece a correspondência entre o fato que deve ser aprendido ou a ação que deve ser praticada e o agente que por essa atividade se vai desenvolver.

Para Rubem Alves (2001), essa ideia de mudança é retratada de forma metafórica, na imagem da transformação do milho em pipoca, que só acontece de dentro para fora.

O CIEJA-CL é sim uma grande “panela”, que permite aos que ali estão estourarem e se transformarem de dentro para fora. Um local que promove a Educação Popular e valoriza a democracia. Boa parte do seu projeto é organizado segundo as ideias e premissas de Paulo Freire. Vincular os estudos com a realidade e transformá-la, promover a autonomia dos alunos e respeito ao conhecimento popular, são objetivos do CIEJA-CL.

Constatou-se, nas observações e entrevistas, a permeabilidade da escola investigada com o meio, o que a faz estabelecer uma grande rede de relações com outras entidades de atendimento assistencial e cultural.

O comprometimento de todos os envolvidos no processo de ensino/aprendizagem faz do CIEJA-CL uma referência em Educação de Jovens e Adultos e mostra o quanto é possível desenvolver um projeto transformando a vida das pessoas e garantindo os princípios democráticos.

Os dados da presente pesquisa de Iniciação Científica contribuem para a literatura, uma vez que mostram uma escola diferente e comprometida, contrariando hipóteses de que os locais destinados à educação de jovens e adultos apenas oferecem uma educação aligeirada ou mesmo que a educação popular se dá apenas em locais de educação não formal. Para estudos futuros, sugere-se a observação de um número maior de CIEJAs, em outros locais do município, com a perspectiva de analisá-los e compará-los.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

Conselho Nacional de Educação - Câmara de Educação Básica- CNE (2000), Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, parecer número 11, relator conselheiro Carlos Roberto Jamil Cury. Disponível em http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf. Acesso: 20 de Junho de 2013.

- ESTEBAN, M.T. Educação Popular: desafio à democratização da escola pública. Cad. Cedes, Campinas, vol. 27, n.71. p, 9-16, jan./abr, 2007.
- FOUCAULT, M. Vigiar e Punir: o nascimento da prisão. 41. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- FREIRE, Paulo & Shor, I. Medo e ousadia: o cotidiano do professor. 13. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1975.
- FREIRE, Paulo. Educação como prática de liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- FREIRE, Paulo. Debate com os Professores Mineiros. Belo Horizonte: Departamento de Educação do Sindicato dos Professores do Estado de Minas Gerais. Caderno nº 1, abril, 1981.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, Paulo, et alli. Pedagogia: diálogo e conflito. São Paulo: Cortez, 1995.
- GADOTTI, Moacir. Convite à leitura de Paulo Freire. São Paulo: Ed. Scipione, 1989.
- GADOTTI, Moacir. Paulo Freire: uma biobibliografia. São Paulo: Cortez – IPF, 1996.
- GALEANO, Eduardo. De Pernas Pro Ar: a escola do mundo ao avesso. Porto alegre, RS: LP&M, 2011.
- GRAVATÁ, A. et al. A Volta ao Mundo em 13 Escolas. São Paulo: Fundação Telefônica. A.G, 2013.
- SAVIANI, Demerval. Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política. Campinas-SP: Autores Associados, 2006.
- SILVA, Ana Beatriz Barbosa. Bullying: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- SINGER, Helena. República de Crianças: sobre experiências escolares de resistência. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010.